



Banco de fotos do Grupo de Pesquisa LEIA

#SOMOSTODOS BIBLIOTECAESCOLAR

Org. Eliane Lourdes da Silva Moro, Iole Costa Terso
e Maria Marta Sienna



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

#somostodosbibliotecaescolar
(Somos Todos Biblioteca Escolar)



Sistema CFB / CRB

Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

**CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA
18ª GESTÃO - CFB (2019-2021)**

Conselheiros

Alessandra Atti – CRB-8/6568
Antônio Afonso Pereira Júnior – CRB-6/2637
Cristian Brayner – CRB-1/1812
Dalgiza Andrade Oliveira – CRB-6/1577
Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881
Iole Costa Terso – CRB-5/1329
Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15/662
Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda – CRB-7/4166
Maria da Glória Serra Pinto de Alencar
– CRB-13/267
Maria das Mercês Apóstolo – CRB-8/5660
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – CRB-15/001
Maria Marta Sienna – CRB-9/759
Patrícia Verônica Nascimento Dias Fernandes – CRB-5/1353
Regina Lucia Freitas Holanda – CRB-3/808
Telma Socorro Silva Sobrinho – CRB-2/668

Diretoria

Presidente: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda – CRB-7/4166
Vice-Presidente: Dalgiza Andrade Oliveria – CRB-6/1577
Diretor Administrativo: Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15/662
Diretora Técnica: Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881
Diretora Financeira: Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – CRB-15/001

Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas (CBEP)

Eliane Lourdes da Silva Moro - CRB-10/881 (Coordenadora)
Iole Terso - CRB-5/1329
Maria Marta Sienna - CRB-9/759

Funcionários

Ailton Moreira da Rocha – Auxiliar Administrativo
Leonardo Pimentel Bueno – Assessor Jurídico
Neracy Fernandes – Auxiliar Serviços Gerais
Roberto Barros Cardoso – Gerente Executivo
Tatiana Paula Martins – Assistente Administrativa

somostodosbibliotecaescolar (Somos Todos Biblioteca Escolar)

Organizadoras
Eliane Lourdes da Silva Moro
Iole Costa Terso
Maria Marta Sienna



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

Brasília, DF
2021

Copyright ©2021 – Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total,
por qualquer meio, desde que citada a fonte.

Disponível também no endereço eletrônico:
www.cfb.org.br

Tiragem: 2000 exemplares

Impresso no Brasil

Produção Gráfica e Impressão: Evangraf

Revisão: Eliane Lourdes da Silva Moro

Dados internacionais de catalogação na publicação

S697 #somostodosbibliotecaescolar, ou, (Somos todos biblioteca escolar) / organização de Eliane Lourdes da Silva Moro, Iole Costa Terso e Maria Marta Sienna. - Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2021.

182 p. : il.; 16 cm
ISBN 978-85-62568-09-1

1. Bibliotecas escolares. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva. II. Terso, Iole Costa. III. Sienna, Maria Marta. IV. Conselho Federal de Biblioteconomia. V. Título.

CDD (23ªed.)
027.8

Bibliotecária Resp.: Maria Marta Sienna CRB-9/759



8

Alfabetização Midiática Informacional, Leitura, Internet e Infância no Cenário da Biblioteca Escolar

LUCIANA SAUER FONTANA

ELIANE LOURDES DA SILVA MORO

CRB10/881

LIZANDRA BRASIL ESTABEL

CRB10/1405

GABRIELA FERNANDA CÉ LUFT

1 Introdução

A produção deste capítulo se deu a partir do enlace de diferentes áreas de conhecimento, úteis para (re)pensar o papel da mediação e da Alfabetização Midiática Informacional (AMI) no contexto das bibliotecas escolares contemporâneas. É a partir da conjunção de estudos sobre infância, estudos culturais, mídia, internet e Biblioteconomia que se argumenta sobre a necessidade de bibliotecários estarem atentos às transformações que têm perpassado as infâncias do tempo presente, tão conectadas à internet e a outras mídias, bem como seus atravessamentos no âmbito da biblioteca.

Temos como objetivos destacar, dentre outros aspectos, algumas das facetas das infâncias contemporâneas e apontar a necessidade da AMI diante das inúmeras possibilidades de conexão disponibilizadas às crianças desde seus primeiros anos – e até meses – de vida, como jogos, *sites* infantis vinculados a grandes corporações e uma série de outros diferentes entretenimentos virtuais, constituídos por inesgotáveis conjuntos de informações, palavras, ícones e sons que, espantosamente, podem ser acionados até por um bebê em qualquer dispositivo móvel digital com acesso à internet – basta, para isso, apenas alguns toques.

Santaella (2013; 2014) salienta, no lugar de um volume delimitado, sequencial, paginado e encadernado, com páginas em que as frases e (ou) imagens apresentam invariavelmente a mesma ordenação sintático-textual previamente escrita, na *web* precisamos estar mais cognitiva e permanentemente em estado de prontidão, à espera de possíveis sobressaltos, pois, a partir de um leve toque na tela de um *smartphone*, por exemplo, o usuário de um *site* pode acionar o recebimento de um *hiperlink* (in)desejado. Mais recentemente, popularizaram-se às possibilidades já existentes os *QR codes*, que, por exemplo, podem facilmente transpor o usuário para *sites* de compras, repositórios de documentos e ambientes de entretenimento, com diferentes propósitos.

No entanto, não se trata de indicar se essas crianças que vivem tão próximas a essas tecnologias digitais serão mais inteligentes ou mais perspicazes do que as do passado. Cabe, porém, registrar neste contexto a inserção do acesso à internet, bem como o desenvolvimento de “novas” expertises e manejos de variados dispositivos digitais pelas crianças. Assim, o processo de ensino e de aprendizagem, historicamente concentrado no interior do ambiente escolar, tem se deslocado para outros locais, que sinalizam o quanto as aprendizagens ocorrem em diversificados espaços e artefatos que circundam, transcendem e até mesmo atravessam a escola e a biblioteca.

Ressalta-se, ainda, que muitos espaços virtuais infantis se apresentam como “educativos”, mas estão associados a uma vasta rede midiático-mercadológica de produtos e de eventos, que envolvem as crianças de modo ininterrupto a uma pluralidade de pedagogias culturais, as quais mesclam ludicidade a anúncios de uma gama de marcas de produtos. Daí

a necessidade de educadores e bibliotecários estarem atentos às transformações que têm perpassado a infância do tempo presente e de (re) pensarem práticas de mediação e de discussão no âmbito educacional, desde os primeiros anos de ingresso das crianças na escola e na biblioteca.

Pretende-se, por isso, contribuir com debates acerca de práticas de mediação no âmbito das bibliotecas escolares, tema que se configura como promissor, tanto para o âmbito da educação, quanto o da Biblioteconomia. Os procedimentos metodológicos se alicerçam a partir da articulação de estudos sobre infâncias contemporâneas, mídia¹, internet, educação e alfabetização midiática informacional. Referenda-se o documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), “Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): disposição e competências do país” (2016) como uma importante referência para a fundamentação acerca da alfabetização midiática na infância.

2 A(s) infância(s) contemporâneas a partir de uma perspectiva cultural

As autoras viveram suas infâncias nas décadas de 1970, 80 e 90, no Rio Grande do Sul, quando as brincadeiras preferidas de muitas crianças envolviam bolinhas de gude e ioiô, pular corda, amarelinha e elástico, soprar bolhas de sabão com talo de mamoneiro, brincar de bola e com velhas máquinas de escrever. Essas brincadeiras alternavam-se com momentos em que eram espectadoras do programa de televisão *Sítio do Pica-pau Amarelo* e das apresentações do grupo musical Menudo, ambos exibidos pela Rede Globo de Televisão, cujo canal televisivo, à época, era um dos poucos que podiam ser assistidos sem os incômodos “chuviscos” que distorciam as imagens.

Diferentemente da infância vivida pelas autoras nas décadas passadas, as crianças de hoje se entretêm e se socializam em novos es-

¹ Jenkins (2009) emprega o termo “mídia” como sinônimo dos diversificados meios de comunicação presentes na contemporaneidade. Como Kellner (2001) destaca, vimos sendo submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons, e novos modos de entretenimento, de informação e de espetáculo são constantemente veiculados pela mídia e passam a urdir o tecido da vida cotidiana.

paços físicos e virtuais, seja por estarem confinadas em condomínios ou casas completamente muradas, em que um dos passatempos principais é o acesso à *web* ou aos canais pagos de televisão, ou por permanecerem em “espaços infantis” restritos, como os oferecidos em *shoppings centers* ou em casas de festas infantis.

São muitas as facetas que caracterizam as infâncias contemporâneas, a partir de estudos que consideram ser o desejo de pertencer a uma cultura globalmente reconhecida – por meio do consumo de produtos e estilos de vida propagados na internet e outras mídias – uma das formas de os sujeitos infantis vivenciarem e constituírem suas identidades. Momo (2007), Momo e Costa (2010) e Narodowski (1998) apontam como as condições culturais contemporâneas produzem infâncias com características distintas da infância configurada a partir dos legados da Modernidade.

Considera-se importante salientar, sobretudo, que o cuidado e a dependência das crianças relativamente aos adultos (família) não estão postos desde sempre na cultura, pois alguns dos significados ainda hoje atribuídos à infância resultam de processos de construção social operados em determinados momentos históricos.

Segundo Momo (2007) e Momo e Costa (2010), as experiências tecnológicas têm sido iniciadas cada vez mais precocemente, por meio do contato das crianças com ícones, logotipos da *web*, programas televisivos e outros estímulos visuais. Schor (2009) aponta ser a infância contemporânea um alvo buscado pelas grandes corporações, sendo muitas vezes vista como um dos caminhos para se chegar até o consumidor adulto. Ela destaca que as crianças norte-americanas, com apenas um ano de idade, já assistiam ao *Teletubbies* e consumiam McDonald's. Também registra que, antes dos dois anos de idade, muitas crianças já são capazes de solicitar diferentes produtos, identificando-os pela marca e, aos três anos e meio, associam qualidades pessoais às marcas que consomem, como, por exemplo, ser esperta, bonita e inteligente. A autora indica, inclusive, estar a infância no epicentro da cultura do consumo estadunidense na época atual. Além de utilizarem aparatos tecnológicos e consumirem artigos “especializados”, as crianças de hoje costumam influenciar as decisões de seus pais e mães em relação à aqui-

sição de produtos e marcas. Bauman (2008) aponta que essa é uma das formas de os sujeitos vivenciarem suas identidades e se constituírem na contemporaneidade, sendo bastante usual para os sujeitos infantis.

É preciso refletir sobre a infância como uma produção histórica, social e cultural, portanto, sujeita a mudanças processadas, particularmente na contemporaneidade, a partir de peculiares condições propiciadas na chamada cultura da pós-modernidade, pelo acesso a diferentes tecnologias digitais imbricadas a práticas de consumo.

Momo e Costa (2010) consideram que o atual estado da cultura mediada pelas diferentes mídias – entre as quais, as que possibilitam a conexão à internet – são atravessadas também pelas práticas de consumo e trazem implicações contundentes quanto aos modos de constituição dos sujeitos contemporâneos. Essas peculiaridades atuam significativamente na constituição das infâncias atuais e nos modos de as crianças se relacionarem com os amigos, com a escola, com a família e com o entretenimento e de se socializarem de um modo geral. As autoras (2010) utilizam a expressão “infância pós-moderna” para indicar as “novas” nuances assumidas a partir da centralidade que a mídia e o consumo possuem na cultura contemporânea.

“Nativas digitais” é a expressão que Prensky (2001) emprega para caracterizar as crianças nascidas em meio a essa cultura que valoriza a fluidez, a conexão e a mobilidade instantâneas, operadas por meio da internet, *smartphones*, *iPods*, *tablets*, *notebooks*, GPS e *wireless*, bem como das TVs por assinatura. Muitas dessas “nativas” não conseguem imaginar o mundo sem videogames e as “facilidades” de acesso à internet, parecendo pouco se surpreender com as repetidas substituições ou obsolescência dos artefatos desse gênero. Assim, dada a rapidez com que as transformações tecnológicas têm se processado, professores ficam muitas vezes surpresos quando, por exemplo, seus alunos não reconhecem um disquete de computador, até considerado um dispositivo relativamente recente. Conforme Buckingham (2010), muitos dos artefatos tecnológicos são planejados pelas indústrias com uma obsolescência planejada. Em uma direção semelhante, Bauman (2008) caracteriza algumas das práticas relacionadas ao consumo como a busca por uma linha de chegada, que se move à medida que

se desloca em direção a ela, permanecendo sempre um passo ou dois à frente de nosso alcance. Bauman (2010) aponta que as crianças de hoje vivem, em geral, em um mundo drasticamente diferente daquele que suas mães, pais e professores aprenderam a considerar como adequado. Para o autor, esses jovens são uma “geração eletrônica”, que está frequentemente em “rede”, estabelecendo o maior número possível de conexões para, por exemplo, manter-se informada sobre a última moda, seja de sucessos musicais, seja de vídeos “bombados” do YouTube, mas também de festas e eventos, aos quais se pode acrescentar uma infinidade de jogos eletrônicos. A agilidade da vida *online* – para aqueles que dela partilham – possibilita incluir ou seguir rapidamente os mais novos acontecimentos e tendências adotadas por diferentes pessoas (famosas ou não) ou pelas grandes corporações e, ao mesmo tempo, excluir, apagar, deletar e desvincular-se rapidamente dessas mesmas novidades. Acontecimentos, laços sociais, fotos, amizades, comunidades, encontros e reuniões, “curtidos” e celebrados, tornam-se ultrapassados e obsoletos de uma hora para outra.

Narodowski (1998) já afirmava que a infância ou as infâncias interpe-ladas pela cultura da mídia aspiravam à imediatez, à interação e a todas as possibilidades e tecnologias que elas pudessem operar em benefício de sua satisfação, muitas vezes, momentânea. Na cultura da mídia, na qual a satisfação do desejo pode ser imediata, não existe espera para aqueles que podem satisfazê-la. Essa é uma cultura na qual o filme pode ser adiantado ou atrasado sem sair de casa, à vontade do espectador – uma cultura do *zapping*. Uma cultura na qual não são necessários rascunhos, porque o processador pode fornecer sempre a última versão do que foi produzido. Na cultura do *upgrade*, a última versão sempre é a melhor.

3 O acesso e o uso das tecnologias, das mídias e da internet na infância: o case 41 sites que divertem e ensinam

Conteúdos infantis têm crescido em diferentes plataformas virtuais; ao mesmo tempo, em muitos destes espaços o “potencial educativo” vem sendo ressaltado por familiares e professores, como se pode ver em re-

portagens que integram o promissor mercado de revistas e manuais (virtuais) sobre infância ou para a infância. Como exemplo, é possível apontar a revista *Educar para Crescer*, -Grupo Abril - que destaca, em seu *site*, a matéria intitulada *41 sites que divertem e ensinam*, de autoria de Marina Azevedo, sintetizando visões de educadores “bastante favoráveis” às “possibilidades de aprendizagem” ofertadas aos usuários dos *sites* infantis autodenominados educativos, como o recorte da reportagem:

O tempo passado na internet pode ser voltado para o aprendizado e a aquisição de conhecimentos. Há diversos *sites* que incentivam o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, ampliando o seu universo cultural. Combinando informação com diversão, eles são, também, um excelente passatempo, que podem entreter e divertir os jovens. Há conteúdos muito ricos na internet, para todas as idades. Acessando *sites* adequados para a faixa etária, crianças e adolescentes poderão aproveitar o que há de melhor na rede.²

A reportagem segue discutindo os usos adequados e as possibilidades da internet, enunciadas por vários educadores, que comentam os 41 *sites* aconselháveis para a formação das crianças, indicando, em cada um deles, um mapeamento das vantagens e diferenciais dos “espaços de aprendizagem” enfatizados na reportagem. Alguns dos *sites* corporativos recomendados na referida reportagem considerados como “bons para as crianças” são: o da *Recreio* (Editora Abril); o do *Clube do Chamequinho* (marca de papel); e o da *Brinque Book* (editora de livros). Para melhor evidenciar algumas das pedagogias em circulação nestes sites, apresenta-se a Figura 1 com alguns *sites* sugeridos na reportagem e qualificados como “bons, educativos e confiáveis” para crianças, famílias e educadores.

Muitos dos *sites* sugeridos são gerenciados por grandes corporações nacionais e até internacionais, estando entre as indicações o *site* do *Discovery Kids*, destacado não só pelo seu caráter dito “formativo”, mas por

² Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/sites-educativos-504552.shtml>.

não ter sido considerado pelos educadores entrevistados (cujo nome não foi divulgado) como apelativo ao consumo. No *site* do *Discovery Kids*, a propaganda observada aparecia por meio de *banners*, que divulgavam canais da rede internacional *Discovery*, como *Home & Health*, voltados para o público feminino, e por outros *banners* e pequenos vídeos que divulgavam produtos como Nescau e Nescau Cereal, por exemplo.

Figura 1 – Sites “bons, educativos e confiáveis”



Fonte: Fontana, 2015

Outro ponto a salientar é que o formato de divulgação adotado pelos administradores do site fez com que a propaganda parecesse estar integrada ao leiaute. A seguir, apresentam-se quatro imagens coletadas do site, nas quais é possível evidenciar convites ao consumo de produtos e de serviços de marcas nacionais e internacionais: o *link* que direciona a uma escola canadense que possui franquia no Brasil; a propaganda e o *link* que encaminha ao site do Nescau; o *link* de encaminhamento para o *Discovery Escola*; e o convite para o lançamento nos cinemas da animação infantil *Shaun, o Carneiro*. (Figuras 2, 3, 4 e 5).

Figura 2 – Reproduzindo anúncio de escola canadense



Fonte: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br>

Figura 3 – Anúncio do Nescau Cereal (ao acionar um jogo)



Fonte: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br>

Figura 4 – Reprodução do anúncio do site do Discovery Escola – Jogos/ Transformers



Fonte: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br>

Figura 5 – Reprodução do convite para lançamento da animação Shaun, o Carneiro



Fonte: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br>

Muitas imbricações existentes entre os espaços midiáticos disponibilizados, em especial, as imbricações entre internet e outros meios de comunicação tutelados por megacorporações – engendram-se, potencializam-se e reatualizam-se de modo a cativar um número cada vez maior de crianças, familiares, usuários desses serviços e produtos, que são atraídos pela promessa de “entretenimento educativo”.

Momo e Costa (2010) afirmam que as crianças parecem sempre estar em estado de alerta e “prontidão para o consumo”, em função do acesso cada vez mais efetivo aos últimos lançamentos de brinquedos e às últimas invenções tecnológicas. Assim, para além da “apropriação técnica” e da utilização pelas crianças dos diferentes artefatos midiáticos, chamam atenção para a necessidade de se observar que todas as produções midiáticas voltadas ao público infantil são também atravessadas e/ou impregnadas de incitações ao consumo não só de produtos, mas de diferentes pedagogias.

Diante do exposto, é necessário que a família, educadores, bibliotecários e técnicos em Biblioteconomia estejam atentos às transformações processadas nos modos de comunicação e nos modos de viver a infância contemporaneamente e à produção de significados e verdades processadas na teia midiática em que todos estão inseridos.

4 Alfabetização midiática informacional e a biblioteca escolar

A alfabetização para o acesso, o uso e a produção da informação e de mídias muitas vezes não se efetiva pela ausência de orientação, de mediação e de cuidado, tornando-se uma armadilha e um perigo, especialmente na infância e na adolescência. O uso de ferramentas, sem a devida orientação ou mediação, leva à desinformação, ao consumo, ao acesso e à disseminação de *fake news*, entre outras situações que podem ser nocivas e prejudiciais nas mais diferentes idades.

No contexto da sociedade atual, o acesso ao livro e à leitura deveria ser estimulado na família, na escola e na biblioteca em todos os ciclos do desenvolvimento humano, propiciando o acesso universalizado para todos e propondo ações de inclusão digital, social e informacional, por meio da leitura e do acesso à informação. (MORO; ESTABEL, 2012, p. 42).

A utilização das tecnologias, das mídias e, mais especificamente, da internet, por parte de crianças e adolescentes nos mais diversos ambientes que frequentam, necessita da atuação da família, dos educadores e do bibliotecário como mediadores, para que desenvolvam habilidades e adquiram competências midiáticas e informacionais a fim de que, quando chegarem à idade adulta, tenham autonomia para a utilização de diferentes materiais com senso crítico, ética e segurança. Cabe lembrar que “a mediação é processo e ‘não está entre dois termos que estabelecem uma relação’, mas é a ‘própria relação’ do sujeito com outro sujeito através do terceiro elemento: o semiótico”. (MORO; ESTABEL, 2012, p. 44).

O papel do mediador da informação e das mídias deve ser desempenhado no âmbito da família, quando ocorrem as primeiras interações no acesso à informação e no uso das mídias, e no contexto da escola – na sala de aula, no laboratório de informática e na biblioteca – pelos educadores e pelo bibliotecário. A UNESCO (2016, p.29) conceitua a AMI como

um conjunto de competências que empodera os cidadãos para acessar, recuperar, compreender, avaliar, usar, criar e compartilhar informações e conteúdos midiáticos de todos os formatos, usando várias ferramentas, com senso crítico e de forma ética e efetiva, para que participem e engajem-se em atividades pessoais, profissionais e sociais.

A UNESCO (2016, p.30) reforça a relevância de se abordar esta temática no âmbito da Biblioteconomia e da Educação, desde a infância e atendendo a todos os estágios do ciclo do desenvolvimento humano, com ênfase no papel do mediador da informação e das mídias. Ambos os processos de alfabetização, informacional e midiática, que integrados formam a AMI, deveriam iniciar na família e ter continuidade na escola e na biblioteca.

À abordagem interdisciplinar: a alfabetização informacional e a alfabetização midiática ajudam a fornecer as competências

necessárias para a vida no século XXI e a necessidade de lidar com enormes volumes de dados, informações e mensagens de mídia viabilizados por diferentes plataformas e provedores de informação e comunicação. É uma atitude lógica combinar esses modelos (alfabetização midiática e alfabetização informacional) com outros modelos complementares, como a alfabetização em TIC e a alfabetização digital, que podem ser usados para desenvolver um conjunto de competências necessárias no novo ambiente tecnológico, além de poderem ser viabilizadas conjuntamente. Essa integração pode ajudar a promover a participação das pessoas nas sociedades do conhecimento.

Verifica-se que a AMI, como abordagem interdisciplinar, está em consonância com a missão das bibliotecas escolares, que habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. Além disso, é capaz de

oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento; apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos. (INTERNATIONAL..., 1999, p. 1-3).

Para que se efetive o processo de AMI em relação aos alunos e aos usuários das bibliotecas escolares, é de grande importância a qualificação dos educadores, bibliotecários e técnicos em Biblioteconomia na mediação com o uso das tecnologias. (Quadro 1).

Quadro 1: Habilidades para o acesso e o uso da AMI

Entender como diferentes alunos interpretam e aplicam produtos e eventos das mídias às suas próprias vidas;	entender e utilizar uma série de atividades instrutivas para promover as habilidades dos estudantes na alfabetização midiática e informacional;
demonstrar a capacidade de auxiliar os estudantes na seleção das abordagens mais apropriadas (por exemplo, os sistemas de busca de dados) para que possam acessar as informações necessárias;	demonstrar a capacidade de auxiliar os estudantes na avaliação crítica das informações e de suas fontes, enquanto assimilam as informações relevantes à sua base de conhecimentos;
utilizar o conhecimento de técnicas efetivas de comunicação verbal, não verbal e midiática para promover a investigação e a colaboração ativa, além da comunicação aberta e livre entre os estudantes;	entender e utilizar as estratégias formais e informais de busca de informações para melhor desenvolver a assimilação do conhecimento e as habilidades necessárias para a leitura, a observação e a escuta crítica entre os estudantes;
utilizar ferramentas de alfabetização midiática e informacional para promover um ambiente de aprendizagem mais participativo para os estudantes;	utilizar tecnologias de mídias tradicionais e novas para relacioná-las com a aprendizagem na escola e fora dela, especialmente entre os estudantes que estão se afastando do ambiente escolar;
utilizar as TIC nas salas de aula para auxiliar os estudantes a descobrirem as TIC e as fontes de mídia disponíveis, para que possam usá-las em sua própria aprendizagem;	utilizar a alfabetização midiática e informacional para ampliar a participação no processo de aprendizagem;
utilizar os conhecimentos e as habilidades assimiladas durante sua própria formação para desenvolver as habilidades dos estudantes no uso das fontes de mídia e bibliotecas como ferramentas de pesquisa e aprendizagem;	utilizar os conhecimentos e as habilidades assimilados na sua própria formação para desenvolver as habilidades dos estudantes na avaliação das mídias e da informação e na compreensão das questões éticas relacionadas à alfabetização midiática e informacional.

Fonte: WILSON *et al*, 2013

No que diz respeito aos alunos, uma das atividades que frequentemente é realizada na escola, sendo a biblioteca escolar o ambiente de aprendizagem em que esta ação se realiza, é a pesquisa escolar. A pesquisa escolar, durante muitos anos esteve alicerçada no uso de fontes bibliográficas.

Com o advento das tecnologias, das mídias e da internet, estas ferramentas passaram a ser utilizadas com frequência pelos alunos, professores e pela família. Segundo Moro e Estabel (2004, p. 8-9), em relação à elaboração de atividade de pesquisa, torna-se de suma importância de os alunos construam conhecimento e adquirirem competência de realizar consultas em fontes diversificadas como pessoais, bibliográficas, tecnológicas. Além disso, que tenham a competência de localizar assuntos procurados independentemente, de identificar as ideias principais do texto e saibam compreendê-las e interpretá-las, de relacionar assuntos correlatos, de elaborar sínteses e conclusões a partir dos textos lidos e referenciar as fontes consultadas. Destaca-se também a competência do “uso de citações no corpo do trabalho, identificando o(s) autor(es) das mesmas, em respeito aos direitos autorais, para não caracterizar o plágio”.

A orientação para a pesquisa escolar deve ser realizada desde a infância, de modo a desenvolver habilidades em relação ao acesso, ao uso e à produção da informação. Esse é um dos processos iniciais em relação à AMI no ambiente escolar. A AMI preconiza os atos de acessar, recuperar, compreender, avaliar, usar, criar e compartilhar informações e conteúdos midiáticos de todos os formatos, a partir de várias ferramentas, e estas ações podem fazer parte de um planejamento metodológico de realização da pesquisa escolar, utilizando as mais variadas fontes e experienciando em diferentes ambientes, sejam estes físicos ou virtuais, preparando o aluno a lidar com as tecnologias, as mídias e a internet, não apenas como usuários, mas como produtores de informação desde a mais tenra idade, com ética, competência e qualidade.

5 Considerações finais

Foi a partir do enlace entre diferentes estudos que se procurou constituir um itinerário para demonstrar algumas facetas das infâncias contemporâneas, tão próximas de diferentes aparatos digitais e dos saberes neles veiculados. Procurou-se, também, argumentar sobre a necessidade de bibliotecários e professores estarem permanentemente atentos às transformações sociais, culturais, bem como às teias midiáticas que cada vez mais expande junto ao público infantil.

A ausência de uma cultura de leitura reforça a importância da constituição de mediadores entre o texto e o leitor, seja no contexto da biblioteca, da família ou, mesmo, do exercício profissional. É hora de rever metodologias, abordagens e conceitos. É necessário repensar a forma de envolver todas as camadas da população – sejam crianças, jovens, adultos ou idosos – no mundo das leituras, propondo ideias para aproximá-los dos inúmeros textos que compõem a vida e que formam o mundo. É preciso ouvir, observar, refletir, a fim de que seja possível reelaborar as condições propícias à formação de leitores críticos, com competências para interagir com múltiplas linguagens, nos diversos suportes, sejam eles fundados na tradição, sejam introduzidos pelas novidades da tecnologia.

A biblioteca é o local por excelência para se apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças e jovens, configura-se como a única oportunidade de acesso a materiais que não são didáticos. Nesse sentido, é tempo de (re)pensar a importância das práticas de mediação nas bibliotecas contemporâneas, tanto no que diz respeito às crianças que vivem imersas às tecnologias digitais, quanto na inclusão e ampla disponibilização de acesso àquelas que, por diferentes conjunturas, ainda vivem no universo *offline*.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 35 n. 3, set./dez. 2010.

FONTANA, Luciana Sauer. **As Pedagogias Online do Complexo Kids**: crianças, mães e pais em conexão. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FONTANA, Luciana Sauer. [Figura]. 2015. Figura 1.

INTERNATIONAL Federation of Library Associations and Institutions. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.^aed. São Paulo: Aleph. 2009.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

MOMO, Mariângela. **Mídia e Consumo na Produção de uma Infância Pós-moderna que Vai à Escola**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOMO, Mariângela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças Escolares do Século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 40, n. 141, p. 965-991, 2010.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. A Pesquisa Escolar Propiciando a Integração dos Atores – Alunos, Educadores e Bibliotecários Irradiando o Benefício Coletivo e a Cidadania em um Ambiente de Aprendizagem Mediado por Computador. **Renote: Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v.2, n.1, p.1-10, 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13662>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Biodiversidade. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de Leitura na Biodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf/SEAD/UFRGS, 2012. P. 41-64.

NARODOWSKI, Mariano. Adeus à Infância: e à escola que a educava. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 172-177.

PRENSKY, Mark. **Digital Natives, Digital Immigrants**, part I. On the Horizon. Lincoln: NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação Ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. O Leitor Ubíquo e suas Consequências para a Educação. In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Complexidade**: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: SENAR- PR, 2014.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para Comprar**: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo. São Paulo: Editora Gente, 2009.

UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)**: disposição e competências do país. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016.

WILSON, Carolyn *et al.* **Alfabetização Midiática e Informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

Minicurrículo dos autores e autoras

COMISSÃO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES (CBEP) 18ª GESTÃO CFB/CRB



Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB - 10/881

Doutora e Mestre em Educação - PPGEDU/UFRGS, possui Especialização em Informática na Educação - PGIE/UFRGS, graduação em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS e licenciatura em Letras. Atualmente é professora Associada do Curso de Biblioteconomia no Departamento de Ciência da Informação (DCI) da FABICO/UFRGS e professora Permanente do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências (UFRGS). Coordena os Projetos de Pesquisa Cor@gem: interação, compartilhamento e acessibilidade como processo de inclusão de adolescentes com fibrose cística hospitalizados no HCPA-RS; CAPAGIIC: Literacia em Saúde: a voz da comunidade na rede BiblioSUS, além do Projeto CRIART. Ganhadora do Prêmio de Pesquisa Emerald/CAPES, edição 2015, no âmbito da Ciências da Informação. Conselheira Federal e Diretora Técnica do CFB/CRB (18ª Gestão), coordenadora da Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas (CBEP) e membro da Comissão de Ensino e Formação Profissional (CENF). Coordena o Grupo de Pesquisa LEIA (Leitura, Informação e Acessibilidade) e a Comissão de Extensão (COMEX) da FABICO/UFRGS. Coordenadora do Curso de Extensão CAPAGIIC SAÚDE: Curso de Aperfeiçoamento em Gestão, Informação, Inovação e Conhecimento em Saúde, convênio entre a UFRGS e o Ministério da Saúde (2020-2022). Avó de quatro lindos netos: Laura, Mateus, Rafaela e Mathias.

UEL e Docente Permanente Externo no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UEL. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento da UEL credenciado ao CNPq. Responsável pela Coluna “Sala de Aula: dia a dia na universidade” publicada no INFOhome. Colaborador da Rede Mediar (<https://redemiardiar.wordpress.com/>). Email: santosneto@uel.br



Lizandra Brasil Estabel – CRB-10/1405

Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO/UFRGS). Coordenadora e Professora do Curso Técnico em Biblioteconomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Porto Alegre. Professora no Mestrado Profissional em Informática na Educação (MPIE/IFRS) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências (PPGEC/UFRGS). Vice-líder do Grupo de Pesquisa LEIA (Leitura, Informação e Acessibilidade) da FABICO/UFRGS. Coordenadora do Programa CERLIJ: Leitura, Informação, Acessibilidade e Literatura.



Luciana Sauer Fontana

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-Campus Porto Alegre. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação. Especialista em Administração e Estratégia Empresarial. Graduada em Secretariado Executivo Bilíngue. Foi ministrante do Curso de Extensão Mediadores de Leitura na Biodiversidade (UAB/ UFRGS), Conexões de Leitura na Biblioteca Escolar (UFRGS/IFRS) e do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR/IFRS). É pesquisadora vinculada ao campo da Educação e dos estudos culturais em educação (pedagogias da mídia), mídia (infância), convergência, internet e identidade.